

Vergonha e Humilhação Relacionadas com a Estigmatização da Pobreza: Um Estudo Qualitativo

Shame and Humiliation Related to Stigmatization of Poverty: A Qualitative Study

Vergüenza y Humillación Relacionadas con la Estigmatización de la Pobreza: Un Estudio Cualitativo

James Ferreira Moura Junior(1); Jorge Castellá Sarriera(2)

1 Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (Unilab), Campus da Liberdade, Redenção/CE e Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, Ceará, Brasil.

E-mail: james.mourajr@unilab.edu.br | ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0595-5861>

2 Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre/RS, Brasil.

E-mail: jorgecastella@gmail.com | ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8297-4957>

Revista de Psicologia da IMED, Passo Fundo, vol. 12, n. 2, p. 108-125, Julho-Dezembro, 2020 - ISSN 2175-5027

Número Temático: Relações Intergrupais: Preconceito e Exclusão Social

[Submetido: Outubro 10, 2019; Revisão1: Outubro 14, 2019; Revisão2: Março 26, 2020; Aceito: Abril 06, 2020;

Publicado: Agosto 31, 2020]

DOI: <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2020.v12i2.3600>

Endereço correspondente / Correspondence address

James Ferreira Moura Junior

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia

Afro-brasileira (UNILAB), Campus da Liberdade

Avenida da Abolição, 3 - Centro

Redenção/CE, Brasil. CEP.: 62.790-000

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*

Editor: Elder Cerqueira-Santos

Como citar este artigo / To cite this article: [clique aqui! / click here!](#)

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar a vergonha e a humilhação como consequências da estigmatização da pobreza em indivíduos residentes de uma capital no Sul e no Nordeste do Brasil. Este estudo de natureza qualitativa realizou dez Entrevistas Episódicas com pessoas em situações de pobreza nas duas cidades mencionadas que vivenciaram sentimento de vergonha por conta sua condição financeira. Estes indivíduos participaram de um estudo quantitativo prévio em suas comunidades. Foi realizada análise de conteúdo. Identifica-se que as práticas de humilhação são causadas por tratamentos desiguais. A vergonha pode estar vinculada à exposição e a uma ética moral como constituinte do desenvolvimento humano. No entanto, ela também pode se vincular a um juízo depreciativo relacionado à estigmatização da pobreza. Observou-se que as práticas de humilhação podem desencadear sentimentos de vergonha. Como consequências, as pessoas entrevistadas podem isolar-se, como se adaptarem a essas situações de vergonha e humilhação. Igualmente, percebeu-se que o próprio sentimento de vergonha pode ser um fator de indignação que fornece a possibilidade de resistir e se indignar.

Palavras-chave: Pobreza, vergonha, humilhação, preconceito

Abstract

This article aims to analyze shame and humiliation as consequences of stigmatization of poverty in residents of a capital city in the South and Northeast of Brazil. This qualitative study carried out ten Episodic Interviews with people in poverty situations in the two mentioned cities who experienced a feeling of shame because of their financial condition. These individuals participated in a previous quantitative study in their communities. Content analysis was performed. It is identified that the practices of humiliation are caused by unequal treatment. Shame may be linked to exposure and moral ethics as a constituent of human development. However, it may also bind to a derogatory judgment related to the stigmatization of poverty. It was observed that humiliation practices can trigger feelings of shame. As consequences, the individuals interviewed can isolate themselves, such as adapting to these situations of shame and humiliation. Likewise, it was noticed that the sense of shame itself can be a factor of indignation that provides the possibility to resist and be indignant.

Keywords: Poverty, shame, humiliation, prejudice

Resumen

Este artículo pretende analizar la vergüenza y la humillación como consecuencias de la estigmatización de la pobreza en los residentes de una capital del sur y el noreste de Brasil. Este estudio cualitativo llevó a cabo diez entrevistas episódicas con personas en situación de pobreza en las dos ciudades mencionadas que experimentaron un sentimiento de vergüenza debido a su situación financiera. Estas personas participaron en un estudio cuantitativo anterior en sus comunidades. Se realizó un análisis de contenido. Se identifica que las prácticas de humillación son causadas por un trato desigual. La vergüenza puede vincularse a la exposición y a la ética moral como componentes del desarrollo humano. Sin embargo, también puede vincularse a un juicio despectivo relacionado con la estigmatización de la pobreza. Se observó que las prácticas humillantes pueden provocar sentimientos de vergüenza. Como consecuencia, los entrevistados pueden aislarse, cómo adaptarse a estas situaciones de vergüenza y humillación. Asimismo, se observó que el mismo sentimiento de vergüenza puede ser un factor de indignación que proporciona la posibilidad de resistir e indignarse.

Palabras clave: Pobreza, vergüenza, humillación, prejuicio

Introdução

A sociedade brasileira está estruturada historicamente em uma perspectiva de estigmatização das pessoas em situação de pobreza (Souza, 2017). Há um universo social simbólico que constrói políticas de identidades regulatórias das pessoas em situação de pobreza baseadas em características de inferioridade e submissão (Rego, & Pinzani, 2018). Identifica-se que há uma identidade social estigmatizada vinculada a essa situação que baseia práticas de discriminação. Então, concebe-se a existência de uma série de representações que delimitam o modo de viver das pessoas inseridas em situação de pobreza (Accorssi & Scarparo, 2019), desenvolvendo formas específicas de vida baseada em sentimentos de vergonha e de humilhação (Moura Jr., & Ximenes, 2016). Assim, este artigo tem como objetivo analisar a vergonha e a humilhação como consequências da estigmatização da pobreza em indivíduos residentes de uma capital no Sul e no Nordeste do Brasil.

A opressão psicológica é mantida a partir também da dimensão política (Prilleltensky, 2008). Assim, há setores sociais ou pessoas dominantes que exercem seu poder, como também subordinando indivíduos a formas de reconhecimento depreciativas. Compreende-se a estigmatização da pobreza como constituindo esse processo de depreciação de uma classe social e de promoção de reconhecimentos depreciativos dos mais pobres atrelados somente aos papéis de preguiçoso, ruim, doente e culpado pela sua situação (Moura Jr., Almeida Segundo, & Barbosa, 2019). Igualmente essas representações sociais do pobre embasam a existência das práticas de humilhação impetradas contra as pessoas em situação de pobreza (Bernardino-Costa, 2015).

Dessa maneira, entende-se a humilhação como prática de dominação presente na sociedade, podendo gerar vergonha (La Taille, 2007). Em uma pesquisa com pessoas em situação de rua do Ministério do Desenvolvimento Social (2009) nos principais centros urbanos do Brasil, um número significativo de indivíduos foi impedido de entrar em determinados locais públicos, como hospitais, restaurantes, órgãos do governo e shoppings. Este resultado demonstra uma realidade discriminatória presente no cotidiano.

As pessoas em situação de pobreza se sentem alvos de práticas de humilhação e injustiça pelas próprias instituições públicas e privadas que deveriam prestar-lhes suporte (Narayan, 2000). Igualmente, esses indivíduos também percebem que estão impetrados por diversas formas de privação e sem espaços de exercício e de fomento de seu poder, podendo ocorrer o isolamento social. Assim, a dominação pode desenvolver uma opressão internalizada, gerando sentimentos de inferioridade e incapacidade. Essas características psicológicas são instrumentos de manutenção de uma realidade social de dominação, funcionando como bases para as condições sociais de degradação e de esvaziamento de espaços de exercícios de poder. Ou seja, a dominação social torna-se um processo interno de opressão (Moane, 2003).

Com isso, a humilhação tem um efeito danoso no desenvolvimento do indivíduo, podendo desencadear “o sentimento de vergonha, o abalo na estrutura afetiva (timidez, revolta, imunidade a críticas alheias etc)” (Alencar & La Taille, 2007). A humilhação constante pode desenvolver características estruturais na identidade do indivíduo (La Taille, 2007), repercutindo provavelmente nas atitudes de conformismo e servilismo que a pessoa pobre pode exercer. Ou seja, pode haver a diminuição da capacidade de agência, sofrimento psíquico intenso e, em alguns casos, suicídio.

As práticas de dominação externa, como o processo de humilhação, podem ter repercussões internas, como o desenvolvimento de sentimentos de vergonha. Assim, ao invés de haver a necessidade de um ser humano que humilha e deprecia, o indivíduo envergonhado passa a ser seu próprio censor. Como não é necessário na vergonha haver um agente externo que desencadeie este sentimento, o indivíduo envergonhado é constituído por formas de reconhecimento depreciativo que o constituem identitariamente (La Taille, 2002). Assim, concebe-se que a humilhação pode fomentar esses atos vergonhosos. Entende-se que há diversos tipos de humilhação, mas todas são violentadoras, ultrapassando os níveis de tolerância da vítima e da convivência social e incidindo sobre questões centrais da personalidade. Essas práticas de humilhação são representadas pela calúnia, difamação e injúria, destruindo a moralidade e o autorrespeito do indivíduo humilhado (La Taille, 2007).

A depreciação, a marginalização e a inferiorização de uma determinada identidade social é desenvolvida a partir do reconhecimento da portabilidade de algum estigma. Este é considerado uma marca que evidencia uma característica, encaixando o indivíduo em um conjunto de atribuições específicas e, geralmente, opressoras (Goffman, 2008). O preconceito está relacionado à aparência, ou seja, um símbolo inscrito no corpo (Santos, Koller, Pilz, Dias, & Wagner, 2006). Assim, o indivíduo estigmatizado pode assumir diferentes estratégias de enfrentamento desse reconhecimento discriminatório e humilhante: sentir vergonha por se perceber como portador de um símbolo estigmatizado; esconder o estigma; utilizá-lo como uma estratégia de superação de sua realidade; igualmente depreciá-lo de forma jocosa (Goffman, 2008).

Geralmente, as práticas discriminatórias podem acarretar sentimentos de vergonha pelo indivíduo ser reconhecido em uma determinada identidade social estigmatizada baseada no preconceito (Goffman, 2008; Zavaleta, 2007). Além da situação de privação, o preconceito é uma das principais problemáticas das pessoas em situação de pobreza (Campello, 2015; Natalino, 2014; Smith & Romero, 2010). A manifestação dele pode estar baseado em tendências autoritárias de indivíduos que o exercem (Lavor et al., 2018; Vilanova, De Sousa, Koller, Costa, & 2018). As práticas de humilhação são percebidas como embasadas por essas formas de reconhecimento depreciativo da pobreza. Assim, entende-se a humilhação como um tratamento

desrespeitoso. O indivíduo humilhado é posicionado de forma injusta em uma posição inferior ao patamar onde está localizado o agente da prática de humilhação (Schick, 1997). Essa atitude discriminatória é concebida como uma ação violenta que pode ser desenvolvida por gestos, atitudes e palavras de rebaixamento moral de *outrem*. Há a destruição do limite da fronteira moral da intimidade de forma pública e violenta (La Taille, 2009). O indivíduo humilhado pode não se sentir capaz de reagir ao enfrentamento, pois foi alvo de uma ação de anulação de sua imagem positiva de si mesmo por outra pessoa.

Os atos de humilhação podem desenvolver a vergonha e, conseqüentemente, o isolamento social das pessoas em situação de pobreza (Walton, 2011; Zavaleta, 2007). Há, então, a construção de um ciclo vicioso e opressor, pois as pessoas em situação de pobreza que mais necessitariam buscar as políticas públicas e formas de interação positiva passariam a não ter a motivação para acessar espaços de fortalecimento. A partir de um estudo qualitativo com pessoas em situação de pobreza e da classe trabalhadora em processo psicoterápico, identifica-se que esse público passa por uma série de processos discriminatórios de estigmatização (Appio, Chambers, & Mao, 2013). Portanto, é apontado que relações de poder hierárquicas por conta da situação de pobreza podem trazer sentimentos de vergonha que geram isolamento e distanciamento de relações que poderiam ser emancipatórias (Estanislau & Ximenes, 2019). Dessa maneira, este artigo tem como objetivo analisar a vergonha e a humilhação como conseqüências da estigmatização da pobreza em indivíduos residentes de uma capital no Sul e no Nordeste do Brasil.

Método

Foi realizado um delineamento de pesquisa qualitativo com foco na compreensão naturalista e histórica do fenômeno investigado (Somekh & Lewin, 2015) que, no caso desta investigação, baseia-se na vergonha e na humilhação causada pelo estigmatização da pobreza. Pautou-se por uma estratégia de estudo de caso coletivo, pois fizeram parte um grupo de pessoas com características semelhantes (Yin, 2015) vinculadas a situação de pobreza e a experiências de vergonha e humilhação por conta desta situação.

Participantes

Foram entrevistadas dez pessoas com as seguintes características: Aqualtune é parda, tem 19 anos, completou o Ensino Médio, mora de aluguel com a família em Fortaleza, não tem filhos, possui uma renda pessoal aproximada de 339 reais por mês e está empregada. Já Tia Simoa é parda, tem 43 anos, não completou o Ensino Médio, mora de aluguel com a família em Fortaleza, tem 3 filhos, possui uma renda

peçoal aproximada de 85 reais por mês e está desempregada. Teresa de Benguela é parda, tem 34 anos, completou o Ensino Médio, mora de aluguel com a família em Fortaleza, tem 1 filho, possui uma renda pessoal aproximada de 154 reais por mês e está desempregada. Estamira é parda, tem 28 anos, completou o Ensino Médio, mora de aluguel com a família em Fortaleza, tem 2 filhos, possui uma renda pessoal aproximada de 85 reais por mês e está desempregada. Chico da Matilde é pardo, tem 20 anos, completou o Ensino Médio, mora de aluguel com a família em Fortaleza, não tem filhos, possui uma renda pessoal aproximada de 154 reais por mês e está desempregado. Carolina de Jesus é negra, tem 21 anos, completou o Ensino Médio, mora de aluguel com a família em Porto Alegre, não tem filhos, possui uma renda pessoal aproximada de 154 reais por mês e está desempregada. Olga é branca, tem 21 anos, completou o Ensino Médio, mora de aluguel com a família em Porto Alegre, não tem filhos, possui uma renda pessoal aproximada de 339 reais por mês e está empregada. Chico Mendes é branco, tem 22 anos, completou o Ensino Médio, mora de aluguel com a família em Porto Alegre, não tem filhos, possui uma renda pessoal aproximada de 85 reais por mês e está desempregado. Luísa Mahin é parda, tem 45 anos, completou o Ensino Superior, mora de aluguel com a família em Porto Alegre, tem 5 filhos, possui uma renda pessoal aproximada de 154 reais por mês e está desempregada. Dandara é negra, tem 31 anos, não completou o Ensino Médio, mora de aluguel com a família em Porto Alegre, tem 4 filhos, possui uma renda pessoal aproximada de 154 reais por mês e está desempregada.

Instrumentos

Como técnica de produção de sentidos, foi realizada a Entrevista Episódica. Ela se fundamenta no aprofundamento de uma experiência cotidiana da pessoa participante por meio de uma narrativa (Flick, 2002). Esse processo narrativo apresenta um prisma de significados singulares sobre a situação vivida, sendo uma ferramenta analítica para compreensão ampla das trajetórias vinculadas ao fenômeno investigado (Jovchelovitch & Bauer, 2002). Igualmente, o processo de contar uma história legitima um espaço de autoria para a pessoa participante da investigação, sendo um espaço de construção também de identidade (Gibbs, 2009).

Sobre as fases de realização da técnica, há uma primeira etapa de construção do roteiro da entrevista com base na literatura acerca da vergonha, humilhação, estigma e pobreza. Igualmente, são utilizadas as experiências prévias do pesquisador com populações em situação de vulnerabilidade social e pobreza (Flick, 2002). O roteiro, então, baseou-se na seguinte estrutura: primeiras experiências com os sentimentos de vergonha e humilhação (O que significa vergonha para você? O que você associa com a palavra vergonha? E humilhação?); situações mais intensas dos/as participantes novamente relacionadas às temáticas abordadas (qual foi o momento que você mais se sentiu humilhado/a? Poderia, por favor, falar-me dessa situação? E mais

envergonhado/a); explicações para existências dessas situações no cotidiano vinculadas a pobreza (Você se sentiu em algum momento da sua vida envergonhado/a por conta da falta de dinheiro? Voltando ao passado, será que você poderia dizer como foi essa situação? Você acha que, no seu dia a dia, as pessoas se sentem envergonhadas por não ter dinheiro? Você se sentiu em algum momento da sua vida humilhado/a da falta de dinheiro? Voltando ao passado, será que você poderia dizer como foi essa situação?).

Locais e procedimentos de realização da pesquisa

Seguindo os critérios para reportes de pesquisas qualitativas (Tong, Sainsbury, & Craig, 2007), essa pesquisa ocorreu com participantes residentes em uma capital do Nordeste e em uma capital do Sul do Brasil. Este estudo faz parte da pesquisa “Implicações Psicossociais da Pobreza” desenvolvida em parceria com duas instituições públicas de ensino superior nos dois estados mencionados com objetivo de analisar os impactos psicossociais da pobreza em pessoas inseridas nessa situação. Concebem-se a vergonha e humilhação como sendo parte dessas categorias psicossocial da pobreza (Moura Jr. & Ximenes, 2016). Para realização deste estudo, foi primeiro realizado um levantamento quantitativo com pessoas residentes em bairros em situação de pobreza e vulnerabilidade a partir da indicação das Secretarias Municipais de Saúde das cidades participantes e das agentes comunitárias de saúde. Dessa maneira, foram realizadas parcerias com equipamentos de saúde para aplicação do questionário por meio de entrevista nos territórios, totalizando 444 pessoas participantes nos dois estados.

Com o fim dessa etapa, os dados foram analisados e foram identificados participantes que responderam de forma positiva a questão “Você se sente envergonhado/a por ser pobre”. Junto com a resposta afirmativa, a pessoa tinha que ter fornecido seu contato telefônico no questionário quantitativo da pesquisa com o consentimento que aquela informação estaria relacionada à disponibilidade em participar da fase qualitativa; aceitar o convite realizado por telefone para realizar a entrevista episódica; e ser maior de 18 anos. É importante salientar que, no questionário utilizado na pesquisa, havia outras questões, mas esta pergunta foi escolhida como critério de seleção objetivo para participação no estudo qualitativo. Observa-se que esses critérios de amostragem são concebidos como de julgamento por conta de fundamentações prévias concretas (Marshall, 1996). As entrevistas duraram em torno de 50 minutos. Identifica-se que 5 pessoas contatadas recusaram-se a participar das entrevistas.

Sobre a equipe de pesquisa e reflexividade, as entrevistas foram realizadas pelo primeiro autor deste artigo que ao contatar os participantes apresentava o objetivo da pesquisa e suas consequências. Com isso, foram obtidos o aceite e participação de cinco pessoas na cidade do Nordeste e cinco pessoas na cidade do Sul do Brasil. Nos contatos telefônicos, foi acordado com as pessoas participantes o melhor local para

realização das entrevistas, sendo como espaços escolhidos as próprias residências, equipamentos culturais da cidade, shoppings centers e ambientes das universidades participantes. É importante salientar que os procedimentos éticos foram contemplados, sendo desenvolvido um termo de consentimento esclarecido próprio para a fase da qualitativa. O projeto de pesquisa foi aprovado no Comitê de Ética com o número do protocolo 10952213.6.3001.5530.

Análise de dados

O material gravado das entrevistas foi transcrito. Em seguida, foi realizada análise temática narrativa. Ocorre uma redução gradual da narrativa em unidades de sentido. Essas unidades são códigos analíticos que tem relação com os trechos das falas referentes ao objetivo do presente estudo (Jovchelovitch & Bauer, 2002). Dessa maneira, esse processo de codificação refere-se a interpretação do material empírico em determinadas categorias relativas às temáticas estudadas, assim como a elaboração de possíveis trajetórias coletivas dos grupamentos pesquisados (Gibbs, 2009). Esses códigos foram desenvolvidos tanto de maneira dedutiva a partir da literatura sobre vergonha, humilhação e pobreza, como também de maneira indutiva em que se baseiam em categorias que surgem do material narrado. Esse processo analítico foi desenvolvido a partir do uso do *software* de análise de dados qualitativos *Atlas.ti*. É importante salientar que esta ferramenta serviu para facilitar o registro e o manejo das interpretações realizadas a partir da análise temática narrativa (Olsen, 2015).

Resultados e Discussão

Primeiramente, compreende-se que os atos de humilhação podem ocorrer de diversos modos. Segundo Luísa Mahin, “Humilhação, pra mim, é tu se sentir menor do que tu é; as pessoas passar e não te respeitar. (. . .). Então, isso pra mim é humilhação, tu não ser respeitado. As pessoas não te enxergarem, não te darem o valor”. Neste último exemplo, a humilhação seria a realização de uma situação de desrespeito concreto impetrado por outra pessoa (Schick, 1997). As situações de invisibilidade teoricamente não podem ser consideradas atos de humilhação, mas de injustiça social (Rego & Pinzani, 2016). Além disso, caso a pessoa sinta-se invisível e desrespeitada, é igualmente uma compreensão crítica e indignada sobre a realidade que será aprofundada em tópicos posteriores.

Atitudes rudes são consideradas humilhantes, como afirma Teresa de Benguela: “uma pessoa que tá, por exemplo, num hospital esperando atendimento. Aí a pessoa vem com arrogância”. Esses gestos não necessariamente necessitam ser agressivos concretamente, mas podem estar relacionados a tratamentos humilhantes, como a

situação vivida por Cilene: “pelo fato de elas olharem e ficarem cochichando e rindo, né? Acho que... acho que se sente humilhada”. Também, é apontando que as práticas de humilhação podem ocorrer em qualquer ambiente, sendo o autor dessa prática inclusive um familiar, como é exposto por Carolina de Jesus: “Alguém que é teu parente chega na tua casa e te destrata. E te fala um monte de coisa. Isso é humilhação. Depende, depende muito. Pode ser num lugar público, pode ser num lugar fechado, pode ser em qualquer lugar”.

Foi apontado pelas pessoas entrevistadas que os atos de humilhação estão também ligados a um processo de estigmatização da pobreza. A pobreza deve ser entendida como um estado de privação de oportunidades (Sem, 2014) que para Chico da Matilde é entendido como uma situação humilhante:

Quando a pessoa não tem o que comer, fica pedindo dinheiro. Elas fazem o que tem para fazer para ganhar um pouco de comida. Enquanto que tem outros aí que jogam comida fora, que desperdiçam. Tem gente que tem demais e que não sabe utilizar. Enquanto, que tem outros que nem a merenda da manha tem. Isso é um tipo de humilhação. Isso acontece, porque elas veem outras pessoas bem vestidas e arrumadas, enquanto que elas só têm uma roupa para vestir. Andam de chinela. Não tem uma casa boa para dormir. Então, é uma espécie de humilhação você ver pessoas mais bem arrumadas que você. E você não ter o que comer e o que vestir. E você não queria tá ali, porque você está ali devido à condição de vida de sua família, devido ao que eles fizeram, a falta de estudo que tiveram, devido à falta de oportunidades.

Portanto, pode-se entender que a situação de humilhação está relacionada a um contexto permeado pela desigualdade social. No entanto, de forma mais concreta, humilhação ocorre por um ato de rebaixamento realizado por *outrem* que pode estar interseccionada com a situação de classe e raça (Bernardino-Costa, 2015), como ocorre com Dandara:

A gente tenta ser normal, mas não adianta. Em certo lugar desses, as pessoas já ficam olhando com umas caras tipo menosprezando. Eu estava lá no hospital fazendo minha consulta do pré-natal, né? Daí eu estava com conjuntivite, né? Aí eu achei um racismo... tipo uma humilhação. Eu já sou meia desconfiada por causa disso. Tinham uns jovens bem novinhos. São todos médicos. Aí ele: ‘tu quer atestado? Tu trabalha em casa de família?’. Aí eu disse: ‘Não, eu não trabalho em casa de família. Eu faço curso de auxiliar administrativo.’ Aí ele ficou tipo assustado e disse: ‘ah tu quer,

tu trabalha em casa de família.’ Eu disse: ‘não, eu faço auxiliar administrativo e estudo a noite!’ Falei bem firme assim pra ficar com cara de assustada, sabe?

Esta prática constitui igualmente atos de humilhação vinculados à perspectiva estigmatizada da pobreza junto com racismo. Olga explica o motivo para a existência desses atos: “tem pessoas aí que humilha as outras que julgam ser inferiores a ela né? Só por causa de algumas coisas financeira”. É uma relação assimétrica que permeia as práticas de humilhação (La Taille, 2007). Dandara comenta a necessidade de ter que vivenciar esses tratamentos para se manter no trabalho como empregada doméstica: “comecei a trabalhar em casa de família. A mulher me maltratava bastante, me humilhava bastante... trabalhei dez anos ainda com ela, porque eu precisava.”

Desencadeada por atos de humilhação, a vergonha relacionada à pobreza pode ser considerada como essa prática social estigmatizante concebida a nível individual e psicológico, porque, para um indivíduo sentir vergonha, ele precisa legitimar um julgamento social sobre si mesmo. E, como já apresentado, a aparência e as vestimentas são símbolos perversos que ditam se a pessoa está em situação de pobreza ou de melhores condições de vida. Uma das participantes resume essa relação entre humilhação e vergonha. Ela fala: “Tinha até certas pessoas assim bem vestidas. Aí tipo patricinha que olhava a gente dos pés à cabeça. A gente fica meio envergonhada assim, né? (Teresa de Benguela). Dessa maneira, a dominação tem a capacidade de transladar práticas sociais dominantes e opressoras para o nível psicológico (Prilletensky, 2008).

Há presente na sociedade brasileira uma forte representação depreciativa da pobreza, sendo esta abordada como causa para subdesenvolvimento do Brasil (Moura Jr., Ximenes, & Sarriera, 2014). Também, é importante salientar que a sociedade brasileira estrutura-se em viés classista (Freitas & Guareschi, 2014). As pessoas com maior poder aquisitivo e alguns jornalistas da grande imprensa geralmente apresentam estratégias de diferenciação das majorias populares, sedimentando um modo de vida elitista. Há um poder midiático que reproduz esse processo de culpabilização pela pobreza (Roso & Guareschi, 2007). Uma das participantes ilustra essa dinâmica:

Eu me sinto envergonhada as vezes por não ter, ou por dizer assim: ‘Ah não vai dar, porque eu to sem dinheiro. Não vou poder ir a tal lugar, porque eu to sem dinheiro. É claro que as pessoas se sentem envergonhadas. Não deviam, né? Mas se sentem sim envergonhadas. As vezes, é até uma coisa que a mídia planta na cabeça das pessoas. A mídia fica o tempo todo mostrando isso, e as pessoas tomam como verdade, né? Pra mim, é vergonhoso ser pobre (Estamira).

No entanto, é importante salientar que a vergonha primeiramente pode estar relacionada a um aspecto positivo de ética e de moralidade vinculada à honra (La Taille, 2002). Esta está relacionada a fatores objetivos de justiça social, como também a dimensão subjetiva (La Taille, 2007). Luísa Mahin sentiu vergonha quando seu filho foi preso, responsabilizando a si mesma de forma moral pela situação. Ela afirma:

É... também me senti quando meu filho tinha 17 anos, e ele foi preso, né? Ele fez uma bobagem e foi preso. Eu me senti muito envergonhada, porque eu achava que eu que tinha errado, que era responsável. Eu que não tinha educado ele direito. Eu tinha falhado, mas aí eu tive a ajuda de uma psicóloga também. (Luísa Mahin).

Assim, a vergonha serve muitas vezes como fronteira da civilidade e dos valores éticos, existindo quando o indivíduo comete alguma falha social. Carolina de Jesus/ POA compreende a vergonha dessa maneira: “Depende de muita coisa. Às vezes, a vergonha vem porquê a pessoa fez alguma coisa errada”. Estamira também exemplifica os casos em que o indivíduo pode ter vergonha a partir de aspectos morais: “Vergonha? Deixa eu pensar... vergonha é roubar de quem não tem; é não ter caráter; não ter ética; pra mim isso é vergonha. Nada mais é vergonhoso. Vergonha vai muito do ponto de vista, mas algumas coisas é uma vergonha, tipo roubar, tipo corrupção, sabe?”.

Além disso, é exposto de forma crítica como vergonhoso o próprio ato de discriminação, pois ele é uma atitude de desrespeito contra o ser humano, sendo amparado por uma perspectiva de justiça social. Assim, Dandara afirma: “Acho vergonhoso pra mim um racismo ainda que rola... eu acho muita vergonha no século que a gente tá ter tanto racismo”. No entanto, além dessa perspectiva ética, a vergonha está ligada à exposição. Há a vergonha grau zero que estaria relacionada ao reconhecimento das outras pessoas. Dessa maneira, a vergonha estaria ligada a exposição, que pode ser real ou imaginada, baseada em uma avaliação global de fracasso (La Taille, 2007). O ato de falar, então, é concebido como central nesse processo de exposição. Alguns participantes enfatizaram que a vergonha estaria vinculada a essa atividade. Por exemplo, Estamira diz: “Pra mim vergonha significa ter medo de falar... medo de falar uma coisa e a pessoa... né? Errar e a pessoa mangar... é isso o que eu penso”.

Igualmente, a vergonha está constituída por um juízo depreciativo social que o indivíduo envergonhado legitima, porque ela é desenvolvida a partir de um julgamento social negativo aceito pela pessoa envergonhada (La Taille, 2002). Chico da Matilde compreende que a: “Vergonha é sempre relacionada às outras pessoas. Às vezes eu sinto vergonha de não tá trabalhando, de já ter vinte e dois anos e não tá fazendo nada. Mas, eu não sei, essa é a vergonha pra mim que é realmente importa”. Este participante afirma que essa avaliação de fracasso estaria relacionada à visão que as outras pessoas

têm de sua ação. Dessa maneira, há uma legitimação desse juízo depreciativo. Essa legitimação do juízo depreciativo externo pode ser entendida como uma prática de dominação em que as estratégias de reconhecimento depreciativo presentes nas interações sociais e na sociedade são convertidas em formas de reconhecimento de si mesmo (Ciampa, 1984). Entende-se que a vergonha vinculada a um julgamento depreciativo é contrário ao modelo de vergonha baseada em aspectos morais e éticos (La Taille, 2002). Igualmente, a vergonha como juízo depreciativo está vinculada à exposição e ao julgamento global de fracasso como constituintes dessa categoria psicossocial. São esses últimos aspectos negativos da vergonha que fomentam o sentimento de vergonha relacionada à situação de pobreza.

Uma das participantes explica essa situação de reconhecimento da pobreza pelas roupas: “Ah, eu acho que tem um pouco a ver com a aparência, né? As pessoas têm um pouco de vergonha de, de repente, não tá com aquela roupa, uma roupa de marca. As pessoas ligam bastante pra isso, né?” (Olga). Outra participante afirma que a falta de dinheiro é uma das principais causas de vergonha: “tem muita gente que tem vergonha, porque não tem dinheiro” (Estamira). Essa última situação de falta de dinheiro é considerada uma das principais causas para o sentimento de vergonha. Chico Mendes tinha saído com os amigos e a namorada, mas se viu na situação que tinha pouco dinheiro para comer com eles. Ele afirma: “aí eu preferi não falar que eu tinha só 10 reais, porque eu ia ficar com vergonha de só ter 10 reais. E eu fiquei quieto”. Estamira também comenta que se sente envergonhada por não ter dinheiro:

Eu me sinto envergonhada, às vezes, por não ter, ou por dizer assim “ah não vai dar, porque eu to sem dinheiro. Não vou poder ir a tal lugar, porque eu to sem dinheiro”. É claro que as pessoas se sentem envergonhadas. Não deviam, né? Mas se sentem, sim, envergonhadas.

Em uma pesquisa com 28 idosos do Sul da Inglaterra que estavam vivendo uma situação de pobreza monetária por conta da recessão, o impacto da realidade concreta da pobreza pode gerar sentimentos de vergonha (Fenge et al., 2012). Com isso, pode-se aumentar a solidão e o isolamento social devido à falta de recursos para participar de algumas atividades vinculadas a vida social. Além disso, há uma cultura de depreciamento do pobre. Identifica-se o desenvolvimento de uma identidade social estigmatizada da pessoa em situação de pobreza constituída somente de aspectos negativos (Moura Jr., Ximenes, & Sarriera, 2014). Essa identidade social, como já mencionado, está amparada por uma rede de símbolos e representações depreciativas da pobreza. Uma das participantes traz como é estruturado esse imaginário social a partir de uma produção midiática; e como essa ilustração pode impactar na própria identidade das pessoas em situação de pobreza. Estamira diz:

Como tava tendo até na novela. A moça lá mais pobre foi conhecer a sogra que era rica. Foi bem estereotipada. Parecia, assim, só porque as duas eram mais pobres que elas não sabiam falar direito, que elas só faziam coisas ridículas, sabe? Então, acho que as pessoas se sentem e tomam aquilo como verdade. Só porque são pobres... são ignorantes. As pessoas se sentem envergonhadas. Eu me sinto assim em alguns momentos. É a sociedade que é a principal causadora dessa vergonha de ser pobre. (Estamira).

Assim, as pessoas em situação de pobreza passam a sentir vergonha de comportamentos vinculados ao seu cotidiano que estariam relacionadas à pobreza. Carolina de Jesus traz que o ato de sentir fome é vergonhoso: “De repente, ficou desempregada. Não tem meios nenhum de conseguir dinheiro. Passar fome também é um tipo de vergonha.” (Carolina de Jesus). Outro entrevistado afirma que sentiu vergonha quando foi questionado pelo fato de não trabalhar. “Muitas vezes eu desvio de assunto, assim, por ficar com vergonha. Tipo perguntando o que eu tô fazendo. Como eu não to fazendo nada, eu desvio de assunto por ficar com vergonha.” (Chico Mendes).

Resultado desse processo de vergonha e humilhação pode ser a instalação de atitudes de conformismo e de explicações sobre o cotidiano pautadas no controle divino. Assim, passa-se a não perceber as práticas de humilhação e as situações de adversidades como problemáticas. Anula-se a reflexão crítica sobre a realidade e sobre si mesmo. Entende-se esse processo como baseado no desenvolvimento da síndrome fatalista que também pode ser entendida como uma via adaptativa frente à realidade de privação. Neste caso, a vergonha e humilhação não são mais sentidas. Há somente a vivência em que o incômodo e o questionamento não estão mais presentes.

Assim, Olga explana sobre algumas pessoas em situação de pobreza que se adaptam à realidade adversa: “Tem umas que não tem nem aí, né? Realmente, tem uns que conformam com sei lá. Tem uns que vivem no conformismo, né?”. Outro participante relata sua estratégia para lidar com uma situação ruim: “Por isso que eu fico mais na minha. Fico quieto e fico pensando o que é que eu tenho que fazer” (Chico da Matilde).

Compreende-se que os contextos de privação, como a situação de pobreza, podem desencadear o surgimento de mecanismo de manejo da frustração proporcionada pela realidade social. Entende-se que a dissonância cognitiva está na base desse processo (Teschl & Comim, 2005). Ela se constitui do choque de crenças, valores e desejos individuais que não são mantidos ou apoiados pela realidade. Assim, as preferências adaptativas são desenvolvidas a partir de uma realidade de privação para lidar com essas dissonâncias cognitivas e diminuir a frustração de forma não consciente. Além disso, observa-se que pode haver uma ação intencional do indivíduo frente às adversidades, diminuindo suas expectativas e intenções perante a realidade cerceadora (Pereira, 2007).

Assim, as preferências adaptativas surgem para diminuir essa frustração perante a adversidade. São desejos, crenças, atitudes baseadas em uma diminuição das

expectativas. Esses comportamentos geralmente estão relacionados a posturas mais resignadas (Teschl & Comim, 2005). E são geralmente mantidas mesmo com mudança da realidade social, porque a resignação e passividade também podem ser entendidas como ferramentas de manutenção do *status quo* e enfraquecimento das potencialidades e autonomia dos indivíduos (Martín Baró, 1986). As pessoas em situação de pobreza podem diminuir suas expectativas e vontades como uma maneira de sofrerem menos com as possibilidades de perda dessas novas aquisições (Natalino, 2014). Então, um dos participantes confirma esse processo: “Fui acostumado desde criança a ter o básico para sobreviver. E nunca fui de ser daquele que vive pedindo para comprar. Nunca fui essa pessoa que tá querendo as coisas sem poder.” (Chico da Matilde).

É importante salientar que os sentimentos de vergonha e a indignação pelas práticas de humilhação podem ser auxiliares das práticas de resistência, porque ainda há um incômodo presente no indivíduo. Olga traz esse apontamento: “Então, a pessoa já se coloca num patamar abaixo, né? Eu não, apesar de eu falar que tenho uma certa vergonha, eu sempre tive essa ambição: ‘não, eu quero melhorar, né?’. Então, as práticas de resistência vêm a contrapor atitudes de conformismo e de adaptação, funcionando como uma estratégia de enfrentamento a uma realidade desigual de dominação. Dessa maneira, o indivíduo questiona a existência de atos de humilhação e o reconhecimento depreciativo da pobreza que pode estar interseccionada com o racismo, como demonstra Dandara:

Sim, a gente fica magoada. Sofre, mas isso aí não impede de eu querer vencer mais ainda. Eu passei muito racismo muito. Meu Deus, eu sofri muito. Ainda sofro, né? Mas antes era pior que eu não sabia me defender, né? (. . .). Minha família toda é clara. Não são brancos, são sararas, raça misturada. Eu sou a mais escura. Daí eles falavam que eu era negra. Era isso. Era aquilo, mucamba, num sei o que. Por isso que eu quero vencer mais ainda para dar a volta por cima, tanto para me orgulhar de mim mesma e para mostrar para eles que eu sou capaz.

Concebe-se que a há uma potência para transformação social desencadeada pelo próprio sujeito em situação de pobreza que vive situações de humilhação e vergonha. No entanto, pontua-se que é necessário também um contexto minimamente propício com a existência de oportunidades para serem alcançadas pelos indivíduos pobres. Caso esse contexto seja inexistente ou não apoiador desses movimentos de resistência, pode haver um processo de enfraquecimento dessas potencialidades e retorno de isolamento social ou conformismo.

Considerações Finais

Conclui-se que a realidade de pobreza é bem mais perversa para os mais pobres. Além da privação, incidem estratégias de estigmatização em diferentes níveis. No âmbito societal, há símbolos e representações que constroem uma identidade social de pobre estigmatizada e depreciativa. Esse contexto fornece insumos para a existência de práticas de humilhação que inferiorizam o indivíduo em situação de pobreza. Como consequência, há um processo pessoal de autodepreciação a partir dos sentimentos de vergonha. Igualmente, pode também ocorrer um processo de conformismo e adaptação a essa realidade. No entanto, é importante também evidenciar que há a existência de práticas de resistência. A própria vergonha e a humilhação podem auxiliar no fomento de movimentos de crítica e de enfrentamento a essa realidade de privação. Entende-se igualmente como uma limitação o delineamento transversal deste estudo. Compreende-se que o fenômeno da pobreza é dinâmico, sendo igualmente entendido como constituído por diversos grupos. Há pobres transitórios que estão em situação de pobreza por um curto período de tempo, avaliando a permanência dos sentimentos de vergonha e de humilhação.

Deve-se entender também que a pobreza e sua estigmatização funcionam como uma estratégia de manutenção da desigualdade social e nunca se deve apontar a pessoa pobre como culpada pela sua situação. A Ciência Psicológica não pode ser usada como mecanismo de reprodução de uma realidade de desigualdade social e dominação, devendo ter seu processo de produção de conhecimento e de desenvolvimento de intervenções com foco libertador desses estratégias dominantes. Analisar as dinâmicas da vergonha e da humilhação vinculada a estigmatização da pobreza pode apontar para a necessidade de criação de estratégias de fortalecimento e de rompimento desse ciclo vicioso opressor.

Referências

- Accorssi, A., & Scarparo, H. B. K. (2019). Social Representations of Poverty. In: Ximenes, V. M., Moura Jr., J. F., Cidade, E. C., & Nepomuceno, B. B. (Org.). *Psychosocial Implications of Poverty: diversities and resistances*. (17-36). . 1. ed. Cham Switzerland: Springer. doi: 10.1007/978-3-030-24292-3_2
- Alencar, H. M., & La Taille, Y. (2007). Humilhação: o desrespeito no rebaixamento moral. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 59(2), 217-231. Retrieved from <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arb/v59n2/v59n2a11.pdf>
- Appio, L., Chambers, D.A., & Mao, S. (2013). Listening to the Voices of the Poor and Disrupting the Silence About Class Issues in Psychotherapy. *Journal of Clinical Psychology*, 69(2), 152–161. doi: 10.1002/jclp.21954
- Bernardino-Costa, Joaze (2015). Decolonialidade e interseccionalidade emancipadora: a organização política das trabalhadoras domésticas no Brasil. *Revista Sociedade e Estado*, 30(1), 147-163. doi: 10.1590/S0102-69922015000100009
- Campello, T. (2015). *Informação é a melhor forma de enfrentar o preconceito*, Sul21, Retrieved from <http://www.sul21.com.br/jornal/informacao-e-a-melhor-arma-para-enfrentar-o-preconceito-diz-tereza-campello/>
- Ciampa, A. C. (1984). Identidade. In: Lane, T.M.S., & Codo, W. (Orgs.). *Psicologia Social: O Homem em Movimento*. 1.R ed. (pp. 58-75). São Paulo: Editora Brasiliense.
- Estanislau, A., & Ximenes, V. M. (2019). Experiences of Humiliation and Shame: A Psychosocial Analysis in Contexts of Poverty. In: Ximenes, V.M., Moura Jr., J.F., Cidade, E.C., & Nepomuceno, B.B. (Org.). *Psychosocial Implications of Poverty Diversities and Resistances*. (61-76). 1. ed. Cham Switzerland: Springer. doi: 10.1007/978-3-030-24292-3_5
- Fenge, L., Hean, S., Worswick, L., Wikison, C., Fearnley, S., & Ersser, S. (2012). The impact of the economic recession on well-being and quality of life of older people. *Health and Social Care in the Community*, 20(6), 617–624. doi: 10.1111/j.1365-2524.2012.01077.x
- Flick, U. (2002). Entrevista episódica. In: Bauer, M. W. & Gaskell, G. (org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. (pp. 114-136). Petrópolis: Vozes.
- Freitas, C. R., & Guareschi, P. A. (2014). A assistência social no Brasil e os usuários: Possibilidades e contradições, *Diálogos*, 25, 145-160. Retrieved from <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Dialogo/article/view/1606>. doi: 10.18316/1606
- Gibbs, G. (2009). *Análise de Dados qualitativos*. Porto Alegre: ArtMed.
- Goffman, E. (2008). *Estigma: Notas sobre a manipulação da Identidade Deteriorada*. 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC.
- Jovchelovitch, S., & Bauer, M. (2002). A Entrevista Narrativa. In: Bauer, M., & Gaskell, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. (pp. 89-111). Petrópolis: Vozes.

- La Taille, Y. (2002). *Vergonha: a ferida moral*. Petrópolis: Vozes.
- La Taille, Y. (2007). Desenvolvimento Humano: Contribuições da Psicologia Moral. *Psicologia USP*, 18(1), 11-36. doi: 10.1590/S0103-65642007000100002
- La Taille, Y. (2009). Moralidade e violência: a questão da legitimação de atos violentos. *Temas em Psicologia*, 17(2), 329-341. Retrieved from <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v17n2/v17n2a05.pdf>
- Lavor Filho, T. L., Barbosa, V. N. M., Almeida Segundo, D. S., Moura Jr., J. F., Jannuzzi, P. M., & Lima, R. S. (2018). Análises interseccionais a partir da raça e da classe: Medo do crime e autoritarismo no Brasil. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38(n.spe.2), 223-237. doi: 10.1590/1982-3703000212376
- Marshall, M. N. (1996). Sampling for qualitativa research. *Family Practice*, 13(6), 522-525. Retrieved from <https://pdfs.semanticscholar.org/063d/8f0ba824da42f1a55136bdd7aac0f37cc8df.pdf>
- Martín-Baró, I. (1986). *Hacia una Psicología de la Liberación*. In: Martín-Baró, I. *Psicología de la Liberación*. Madrid: Trotta.
- Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome (2009). I Censo e Pesquisa Nacional sobre a população em situação de Rua – Síntese de resultados. In: Brasil, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome. *Rua aprendendo a contar: Pesquisa Nacional sobre a população em situação de Rua*. Brasília: MDS, 2009.
- Moane, B. (2003). Bridging the Personal and the Political: Practices for a Liberation Psychology. *American Journal of Community Psychology*, 31(1/2), 91-101. Retrieved from <https://link.springer.com/article/10.1023/A:1023026704576>
- Moura Jr., J. F., Ximenes, V. M. & Sarriera, J. C. (2014). A construção opressora da pobreza no Brasil e suas consequências no psiquismo. *Quaderns de Psicologia*, 16(2), 85-93. doi: 10.5565/rev/qpsicologia.1174
- Moura Jr., J. F., & Ximenes, V. M. (2016). A identidade social estigmatizada de pobre: uma constituição opressora. *Fractal: Revista de Psicologia*, 28(1), 76-83. Retrieved from <http://www.scielo.br/pdf/fractal/v28n1/1984-0292-fractal-28-1-0076.pdf>
- Moura Jr., J.F., de Almeida Segundo, D. S., & Barbosa, V. N. M. (2019). The Stigmatization of Poverty as a Basis of the Class Prejudice and Its Psychological Consequences. In: Ximenes, V. M., Moura Jr., J. F., Cidade, E. C., & Nepomuceno, B. (eds) *Psychosocial Implications of Poverty: diversities and resistances*. (47-57).. 1. ed. Cham Switzerland: Springer. doi: 10.1007/978-3-030-24292-3_4
- Narayan, D. (2000). *Voices of the poor - Can anyone hear us?* Washington, D.C.: The World Bank, Oxford University Press.
- Natalino, M. A. C. (2014). Pesquisa Painel de Pobreza: Aspectos Teórico- Metodológicos da Avaliação da Estratégia Brasileira de Desenvolvimento Social. *Revista Brasileira de Monitoramento e Avaliação*, 4(2), 124-135.
- Olsen, W. (2015). *Coleta de Dados*. Porto Alegre: Penso.

- Pereira, G. (2007). Preferencias adaptativas: un desafío para el diseño de las políticas sociales. *Revista de Filosofía Moral y Política*, 36(1), 143-165. Retrieved from <http://isegoria.revistas.csic.es/index.php/isegoria/article/view/63>. doi: 10.3989/isegoria.2007.i36.63
- Prilleltensky, I. (2008). The role of power in wellness, oppression, and liberation the promise of psychopolitical validity. *Journal of Community Psychology*, 36(2), 116-126. Retrieved from <http://www.professorisaac.com/wp-content/uploads/2016/09/62.-The-Role-of-Power-in-Wellness-Oppression-and-Liberation.pdf>
- Rego, W., & Pinzani, A. (2016). Money, Autonomy, Citizenship Effects Of The Programa Bolsa Família On Its Participants. *Philosophy and Public Issues*, 6, 115-159.
- Rego, W., & Pinzani, A. (2018). *Money, Autonomy and Citizenship: The experience of the Brazilian Bolsa Familia*. 1. ed. Cham Switzerland: Springer.
- Roso, A., & Guareschi, P. (2007). Megagrupos midiáticos e poder: construção de subjetividades narcisistas, *Revista de Ciências Sociais*, 26, 37-54. Retrieved from <https://periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/view/6767>
- Santos, E. S., Koller, S. H., Pilz, C., Dias, D. D., & Wagner, F. (2006). Concepções de policiais sobre crianças em situação de rua: um estudo sobre preconceito. *Psico-USF*, 11(2), 249-256.
- Schick, F. (1997). On humiliation. *Social Research*, 64(1), 131-8.
- Sen, A. (2014). Tendencia de la economía mundial: pobreza y bienestar social y económico. *Journal of Comparative Studies Latin America*, 8(8), 31-94.
- Smith, L., & Romero, S. (2010). Psychological Interventions in the Context of Poverty: Participatory Action Research as Practice, *American Journal of Orthopsychiatry*, 80(1), 12–25. doi: 10.1111/j.1939-0025.2010.01003.x
- Somekh, & Lewin, C. (2015). *Teoria e Métodos de Pesquisa Social*. Vozes: Petrópolis.
- Souza, J. (2017). *A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato*. Rio de Janeiro: Leya.
- Teschl, M., & Comim, F. (2005). Adaptive Preferences and Capabilities: Some Preliminary Conceptual Explorations. *Review of Social Economy*, 63(2), 229-247. doi: 10.1080/00346760500130374
- Tong, A., Sainsbury, P. & Craig, J. (2007). Consolidated criteria for reporting qualitative research (COREQ): a 32-item checklist for interviews and focus groups. *International Journal for Quality in Health Care*, 19(6), 349–357. doi: 10.1093/intqhc/mzm042
- Vilanova, F., De Sousa, D. A., Koller, S. H., & Costa, Â. B. (2018). Adaptação transcultural e estrutura fatorial da versão brasileira da escala Right-Wing Authoritarianism. *Temas em Psicologia*, 26, 1299-1316. doi:10.9788/TP2018.3-07Pt.
- Zavaleta, D. R. (2007). *The Ability to go About Without Shame: A Proposal for Internationally Comparable Indicators*. Working Paper 03 OPHI .Oxford Poverty & Human Development Initiative, OPHI. Retrieved from <http://www.ophi.org.uk/working-paper-number-03/>
- Walton, O. (2011). Self esteem, shame and poverty. *Help Desk Research Report*. Governance and Social Development Resource Centre, GSDRC. Retrieved from <http://www.gsdr.org/docs/open/HD788.pdf>
- Yin, R. (2015). *Estudo de Caso: Planejamento e Métodos*. Porto Alegre: Bookman.